

A miséria escrita e falada

Kátia Marsicano

Em cima, velocidade. Embaixo, fome, miséria, resignação. Para quem vai em direção ao Núcleo Bandeirante, uma placa avisa: “Precizamos di ajudra i trabalho”. Este é um pedido de socorro das cinco famílias que há mais de cinco meses tentam sobreviver sob a laje da ponte do Córrego do Guará. Pelo menos uma coisa eles têm em comum: a necessidade de resistir, convivendo pacífica e conformadamente com o sofrido dia-a-dia.

Para chegar a estes barracos da ponte é preciso coragem de descer e, além de tudo, estar preparado para enfrentar uma dura realidade, bem diferente das superquadras do Plano Piloto. De um lado da margem, a primeira pessoa que se encontra é Rafael, 22 anos, baiano, desempregado. Sua única fonte de renda é o que consegue ajudando os vizinhos a vender pamonha nos postos de gasolina do Núcleo. Ele recebe CR\$ 50,00 em cada unidade, que custa CR\$ 300,00. Apesar de tudo, não pretende voltar para a Bahia.

Seus companheiros de penúria são também baianos fugitivos da seca nordestina. Dona Geralda, o marido Josino e duas filhas de oito e 14 anos estão embaixo da

ponte há dois meses. “Meu marido descarrega caminhão e lava carro, mas isso não é sempre, não, senhora. Trabalhei numa casa no Guará, só que a mulher pagava CR\$ 10 mil. É pouco demais”, reclama dona Geralda, diante do fogareiro improvisado que, ontem serviu para cozinhar alguns pedaços de galinha, divididos depois com os vizinhos.

Solidariedade — Para Lucineide Ferreira e sua filha de sete anos, o jeito é esperar pela solidariedade de alguém que tenha a curiosidade de conhecer aquele pequeno submundo. Ela também é baiana, de Irecê, não tem companheiro e sequer pode se candidatar a um emprego. “Estou sem documento. Meu registro molhou e se desmanchou todo”, justifica ela.

A vizinha mais próxima de Lucineide é Deuzuina, mulher de um motorista desempregado, que ganha CR\$ 5 mil para carregar e descarregar caminhões. Ela e seu Joaquim ainda sonham em melhorar de vida: “Voltar para Irecê e morrer de fome? Eu, não”, esconjura. O casal tem dois filhos de seis e sete anos, que parecem ter bem menos. A última vez que tiveram uma boa refeição — “deu até para repetir um pouco” — foi no Natal.